

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Alberto Moniz da Rocha Barros Neto

Sobre o *Crátilo* de Platão

São Paulo

2011

Alberto Moniz da Rocha Barros Neto

Sobre o *Crátilo* de Platão

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Marco Zingano.

São Paulo
2011

Agradecimentos

Agradeço ao professor Marco Zingano pela orientação e pela amizade.

Um agradecimento especial também é devido ao Professor José Arthur Giannotti (USP) e aos professores John M. Cooper e Bem Morisson (meus orientadores na Universidade de Princeton).

Na USP também gostaria de agradecer aos professores Daniel Rossi, Luiz Henrique Lopes dos Santos, Moacyr Noaves, Oswaldo Porchat e Roberto Bolzani Filho com quem tive oportunidades de discutir esta tese.

Em Princeton gostaria de agradecer aos professores Alexander Nehamas, Andrew Ford, Christian Wildberg e Hendrick Lorenz pelos mesmos motivos acima.

Também aprendi muito e tive o apoio afetivo dos meus amigos e colegas do Grupo Temático de Filosofia Antiga, coordenado pelo professor Zingano, com especial destaque ao Eduardo Wolf, Paulo Ferreira e Vitor Schwartz.

Em Princeton pude contar com um grupo análogo a esse enquanto frequentei o *Classical Philosophy Program*. Um agradecimento especial é devido aos amigos do “*Greek Room*”.

Essa tese não teria sido possível sem o apoio irrestrito da minha família (Elizabeth, Elias, Maria Fernanda e João) e de inúmeros amigos íntimos.

Por fim, agradeço a FAPESP pelo financiamento da pesquisa e a CAPES por ter me concedido apoio para um estágio doutoral de um ano na Universidade de Princeton, EUA.

Resumo

BARROS NETO, Alberto Moniz da. *Sobre o 'Crátilo' de Platão*. 2011 – 108 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A pesquisa propõe uma leitura do *Crátilo* de Platão. O interesse central está na estrutura argumentativa do diálogo com ênfase nas teses do naturalismo e convencionalismo lingüístico. O trabalho busca demonstrar que Platão concede vitória a um convencionalismo moderado.

Palavras-chave: Platão - *Crátilo* – Nomes – Linguagem

Abstract

BARROS NETO, Alberto Moniz da. *On Plato's 'Cratylus'*. 2011 – 108 p. Doctoral Dissertation – Philosophy Department at the University of São Paulo, Brazil, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011

The dissertation at hand offers a reading of Plato's *Cratylus* with emphasis on its argumentative structure, particularly with what pertains to the doctrines of linguistic naturalism and linguistic conventionalism. The research strives to show that Plato credits victory to a moderate version of conventionalism.

Key-words: Plato – *Cratylus* – Names – Language.

Índice

Introdução.....	p. 6
Sobre o <i>Crátilo</i> de Platão.....	p.17
Bibliografia.....	p.60
Apêndices:	
Apêndice I: Estrutura Argumentativa do <i>Crátilo</i>	p.64
Apêndice II: Estrutura Temática do <i>Crátilo</i>	p.67
Apêndice III: Bibliografia Comentada.....	p.68

Introdução:

O *Crátilo* de Platão é um dos textos mais antigos da tradição filosófica ocidental a explorar a racionalidade por trás da nomeação. O texto questiona se os nomes em circulação são apropriados para designar aquilo que eles designam e, indiretamente, quais seriam os procedimentos a serem seguidos para nomear o que quer que seja. A pergunta geral que ronda o *Crátilo* é: A que título n (onde n representa um item qualquer) leva o nome “ N ”? O *Crátilo* examina duas hipóteses que podem conduzir a uma justificação.

A primeira dessas hipóteses é a mais longa e intuitiva delas: é a hipótese de que a relação entre o nome e o nomeado é fundamentalmente arbitrária, fruto da convenção humana¹. A justificação nesse caso assume a forma: “ N ” é o nome *correto* de n quando a correlação “ N ”: n for aquela estabelecida por uma determinada comunidade lingüística. Ou seja, dado que a linguagem como um todo é um sistema de regras convencionais, as regras de nomeação são também convencionais e seguem os padrões do sistema (nome correto é aquele em acordo com os padrões do sistema). Ocorre que essa hipótese apresenta alguns problemas, sendo o mais interessante o problema da origem da linguagem. Em paralelo com a indagação pelo instante do contrato social, a pergunta pela origem contratual da linguagem nos leva a uma cena primitiva que não é nitidamente identificável no tempo e no espaço e cuja justificação geral é um tanto tênue (pesando os prós e os contras falar é mais vantajoso do que não falar, mas isso não explica a adoção do sistema de regras x ao invés do sistema de regras y). Ainda mais misterioso do que a cena original do contrato social (onde se passa de um estado apolítico a um estado político), a cena do pacto original da linguagem pressupõe uma coletividade de não-falantes que subitamente decidem falar. Em suma, a *tese convencionalista da nomeação* (é esse o rótulo adotado na literatura secundária contemporânea sobre o *Crátilo*) mantém sem resolução as seguintes indagações:

¹ A tese de que a relação entre o signo lingüístico e seu significado é convencional já está estabelecida desde Aristóteles (*De Interpretatione* 16a20-21) e é um dos princípios gerais da Lingüística moderna: cf. Saussure (1916), Primeira Parte, Capítulo 1, parágrafo 2. Tipicamente a pluralidade das línguas naturais e a mutabilidade da relação signo/significado são apontados como os indícios gritantes da arbitrariedade da relação nome/nomeado. É por essas razões que chamo essa hipótese de “intuitiva”.

1. Dizer que o laço que liga o nome ao nomeado é *fundamentalmente arbitrário* é diferente de dizer que ele é *absolutamente arbitrário*. Por que alguns nomes são adotados ao invés de outros?
2. O que faz com que as nomeações tenham certa fixidez e permanência? Que tipo de autoridade impera sobre a nomeação?
3. Quem deu os nomes às coisas? Como e quando?

A segunda hipótese examinada no *Crátilo* para assegurar que um nome possa ser considerado justo, genuíno, ou apropriado para designar aquilo que ele designa (no jargão do diálogo, para que a atribuição de “*N*” a *n* seja considerada uma atribuição *correta*), é aquela que pressupõe que o nome seja uma espécie de espelho do nomeado; ou seja, pressupõe que deve haver um laço íntimo ou, na formulação agora clássica de Bernard Williams, deve haver uma relação complexa² que une o signo lingüístico àquilo que ele nomeia - não é qualquer seqüência de marcas gráficas ou articulações sonoras que servem. No *Crátilo* essa tese é traduzida em duas possibilidades: ou bem o nome de algum modo *descreve* o nomeado ou bem o nome *imita* algum aspecto essencial do nomeado (é um *mimēma* do nomeado). Na medida em que o nome é *descritivo*, é por ser analisável em termos de uma combinação de outros sinais que descrevem, sugerem ou evocam aspectos relevantes ou essenciais do nomeado. A análise admite graus diferentes de complexidade e não há necessariamente um resultado único possível. Assim, o nome “aluno” poderia ser analisado, consistentemente àquilo sugerido no *Crátilo*, de dois modos:

- a. “aluno” = “*a*” (o alfa privativo grego) + “*lumen*” (latim para “luz” ou “brilho”) => “aluno” ≡ “que não tem brilho” => Logo, o nome “aluno” contém uma descrição condensada apropriada para designar aquele que ainda não foi iluminado plenamente pela luz do conhecimento.

² Bernard Williams (1982), p. 84.

- b. “aluno” = derivado do latim “*alumnus*” (“criança lactente”, “discípulo”) = derivado do verbo “*alēre*” (“desenvolver”, “nutrir”, “fazer crescer”, “fortalecer” => “aluno” ≡ “aquele que está em desenvolvimento, requerendo nutrição” => Logo, o nome “aluno” pode ser analisável numa segunda descrição condensada (i.e. “aquele que ainda depende de outros”) que é tão apropriada quanto a primeira para designar um aluno.

Por vezes os nomes são descrições altamente condensadas e as análises exigem interpretações elaboradas. Encontramos no *Crátilo* decomposições que seguem um padrão análogo ao seguinte:

- c. “malevolência” = “aquilo que traz o **mal**, **lesa** e **voluntariamente** engendra **violência**”

Nos exemplos (a)-(c) acima de nomes enquanto descrições condensadas, é importante notar um *princípio geral* e um aspecto inusitado da *técnica de interpretação ou decodificação dos nomes*. O princípio geral é o que poderíamos batizar de *princípio da superioridade da descrição profunda com relação à superficialidade material do signo*. Isso significa, em primeiro lugar, que nomes podem ser analisados de modos distintos (o nome “aluno” foi decomposto acima em sentidos levemente diferentes: (a) aquele que ainda está no processo de receber a luz do conhecimento; (b) aquele que ainda depende da nutrição dos mais sábios) desde que produzam descrições igualmente válidas ou relevantes: pouco importa qual aspecto saliente do nomeado esteja contido na descrição, basta que seja suficiente para *discriminar* (*diakrinein*) aquele item de outros. Em segundo lugar, o princípio da superioridade da descrição profunda também implica que as variações das práticas de nomeação através das línguas naturais (o fato que “aluno” em português e “*student*” em inglês serem seqüências sonoras bem diferentes) é de pouca monta. O importante é que a captação e condensação de aspectos essenciais do nomeado esteja preservada, isto é, que os nomes possuam um “valor” ou “poder [descritivo]” (*dynamis*) equivalente. Assim, seguindo um exemplo presente no *Crátilo*, os nomes “*Astíanax*” (que significa “senhor da cidade”) e “*Hektor*” (“Heitor”, isto é, “aquele que possui”), embora seqüências sonoras distintas e com conteúdos descritivos

distintos, são ambas igualmente cabíveis e apropriadas para designar pessoas com um poder especial sobre uma comunidade política.

Também quero chamar a atenção para a técnica de extração dos conteúdos descritivos dos nomes que é empregada no *Crátilo*. Os exemplos (a)-(c) são, evidentemente, meus, mas foram cunhados para facilitar a apreciação daquilo que aparece no diálogo. A tendência seria dizer que o tipo de análise utilizada para obter as descrições é de estirpe *etimológica*. Mas há dois problemas em afirmar isso. Em primeiro lugar, caracterizar a técnica como “etimológica” nos leva a questionar se a etimologia é válida ou não, se, por *etimologia*, entendermos o esforço moderno de identificar evidências seguras sobre a origem e o desenvolvimento histórico dos nomes. Do ponto de vista da etimologia moderna, a análise contida em (a) é ingenuamente plausível, mas falsa³ e aquela empregada em (c) é um absurdo completo, enquanto que o exemplo (b) aponta a etimologia fornecida pelos bons dicionários. Em segundo lugar, evidências sugerem que o termo “etimologia”, enquanto rótulo utilizado para referir a uma técnica, é tardio (estóico) e o termo não é mencionado nem uma única vez no *Crátilo*⁴. Com isso quero apenas afastar de início uma tendência nos estudos modernos do *Crátilo* de focar excessiva atenção na validade das suas análises etimológicas⁵. A prática de lançar mão de etimologias imaginativas ou conotativas (não históricas) é antiga e transcultural⁶. Ela sobrevive em textos filosóficos modernos, reconhecidamente em Heidegger, por exemplo⁷. Para engajar frutiferamente com o diálogo, o leitor do

³ Gostaria de agradecer ao amigo Eduardo Wolf por me sugerir esse exemplo clássico de uma “falsa etimologia”.

⁴ O testemunho mais antigo do termo “etimologia” vem do título de um trabalho de Crisipo (c. 280-207 a.C.), preservado num testemunho de Diógenes Laércio (*Vidas Ilustres*, VII, 200). Para uma apreciação do lugar das análises etimológicas no pensamento estóico, ver James Allen (2005).

⁵ David Sedley (1998), pp. 140-141.

⁶ Discussões sobre a “correção dos nomes”, sobre a relação entre os signos da linguagem e as coisas por eles designadas, bem como o uso de métodos “etimológicos” para acessar o “verdadeiro significado”, a “história” ou dimensões “místicas” ou “mágicas” das palavras aparecem, desenvolvidas em discursos ricos, em diversas culturas. Cf.: Johannes Bronkhorst, “Etymology and Magic: Yaska’s *Nirukta*, Plato’s *Cratylus* and the Riddle of Semantic Etymologies”, *Numen*, vol. 48, no.2, 2001, pp. 147-203; Gershom Scholem, “Le nome de Dieu ou la théorie du langage dans la Kabale: mystique du langage” in: G. Scholem, *Le nom et les symboles de Dieu dans La mystique juive*, Paris: Éditions Du Cerf, 1983, pp. 55-99; Chad Hansen, *Language and Logic in Ancient China (Michigan Studies on China)*, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1983; Maan Singh, *The Upanisadic Etymologies*. Nova Deli: Nirmal, 1994. Exemplos de etimologias semânticas em outras culturas são indicadas na bibliografia de Bronkhorst (2001; ver nota 2, p.148).

⁷ Sedley (2003), p.29.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

